

## OMATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS, EPISTEMOLÓGICOS E POLÍTICOS

Antonio Carlos de Souza (UENP PR)<sup>1</sup>  
Cesar Adriano Ribeiro Nunes (UniAnchieta SP)<sup>2</sup>

### RESUMO

O artigo apresenta uma definição criteriosa do referencial político, filosófico, social e econômico, reconhecido e denominado como materialismo Histórico-Dialético. Realiza uma contextualização estrutural da emergência histórica e da produção social e política dessa visão de mundo, dessa metodologia de compreensão da prática social e da decorrente referencialidade teórico-metodológico de pesquisa. Destaca a Filosofia da Praxis como ciência e política da transformação da realidade, com explicitação de seus determinantes epistemológicos, políticos e educacionais. Assume o referencial crítico-dialético e maneja as categorias de *hegemonia* e de *bloco histórico*, a partir do pensamento de Antonio Gramsci (1891-1937) e de Sanchez Vázquez (1915-2011). Apresenta possibilidades para a produção de pesquisas histórico-críticas na Educação e no ensino de Filosofia.

**Palavras-Chave:** Filosofia, Educação, Pesquisa, Marxismo, Metodologia.

### ABSTRACT

The article presents a careful definition of the political, philosophical, social and economic referential, recognized and named as Historical-Dialectical materialism. It carries out a structural contextualization of the historical emergence and of the social and political production of this worldview, of this methodology for understanding social practice and the resulting theoretical-methodological framework for research. It highlights the Philosophy of Praxis as a science and policy for transforming reality, with an explanation of its epistemological, political and educational determinants. It takes on the critical-dialectical framework and handles the categories of hegemony and historical bloc, based on the thought of Antonio Gramsci (1891-1937) and Sanchez Vázquez (1915-2011). It presents possibilities for the production of historical-critical research in Education and in the teaching of Philosophy.

**Keywords:** Philosophy, Education, Research, Marxism, Methodology.

---

1 Doutor em Educação pela UNICAMP, Pós-Doutor em Filosofia e Educação pela mesma FE/ UNICAMP, Professor do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação (PPEd) da Universidade Estadual do Norte do Paraná UENP PR, Coordenador do Grupo de Pesquisas GEPFES/UENP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5413158693230596> ORCID <https://orcid.org/0000-0002-6077-226X> Contato: [acsouza@uenp.edu.br](mailto:acsouza@uenp.edu.br)

2 Licenciado em Educação Física e Pedagogia, Especialista em Gestão Esportiva, Mestre em Psicologia e Educação (UNICAMP), Pesquisador do INPPDH (Direitos Humanos), Doutorando em Educação Física na Universidade de Brasília (UnB). ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7850-2463> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7042416527720669> Contato: [cesar.nunes@anchieta.br](mailto:cesar.nunes@anchieta.br)

## INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende discutir os fundamentos filosóficos, epistemológicos e políticos da perspectiva materialista histórico-dialética, como visão de mundo, como método de análise e como práxis. Vivemos numa situação histórica paradoxal em relação às condições sócio-econômico-culturais: de um lado, o discurso de que estamos no melhor dos mundos possíveis, de constante progresso técnico-científico e, de outro, a realidade de exploração, de desigualdade, de desumanização da grande maioria dos seres humanos, da banalização da vida humana e não-humana.

O objetivo desse artigo consiste em buscar apresentar uma reflexão criteriosa, no sentido de desafiar os discursos e as práticas correntes e efetivar a distinção e defesa dessa perspectiva crítico-dialética, diante do estado atual de coisas, que tem como fundamento o liberalismo político e o modo de produção capitalista. Daí partimos do pressuposto epistemológico e político de uma *reflexão-ação* sobre as circunstâncias concretas, inseparável de uma *reflexão-ação* sobre as consciências, pois entendemos que a realidade, na sua concretude e na organicidade de suas contradições, além de ser objeto de *interpretação-compreensão*, é também de *intervenção-ação-transformação*.

A relação entre conhecimento e ação é intrínseca tanto à teoria quanto à prática humana, na perspectiva do materialismo histórico-dialético. Para tanto, vamos apresentar alguns fundamentos da *filosofia da práxis*, fundada na tradição marxista, desde a produção de Marx (1818-1883) e de Engels (1820-1894), e destacar seus impactos na tradição marxista, especificamente na produção teórica de pensadores como Antonio Gramsci (1891-1937) e Adolfo Sanchez Vázquez (1915-2011).

Propomos a atualidade do materialismo histórico-dialético e sua potencialidade científica, histórica, filosófica, política, como possibilidade de construção do homem *omnilateral*, capaz de ter consciência do real e de definir a práxis interventiva e transformadora, na superação e na abolição de toda forma de atividade humana centrada na racionalidade suposta e meramente operacional, técnica, instrumental, exploratória e mercantilista. Essa proposição aponta para

a compreensão da Educação como Humanização, numa perspectiva de Direito Subjetivo e Social, como prática social e política pública.

### **PRESSUPOSTOS EPISTEMOLÓGICOS E POLÍTICOS PARA UMA ANÁLISE CRÍTICO-DIALÉTICA DA REALIDADE SÓCIO-ECONÔMICO-CULTURAL, NA SUA TOTALIDADE HISTÓRICA.**

Partimos do pressuposto de que a situação de exploração humana, de desigualdade social, de exclusão econômica, de marginalização cultural, de privação da maioria da população mundial da produção e da apropriação das condições básicas de uma autêntica existência humana, é garantida historicamente por determinações socioeconômico-culturais específicas, determinados atualmente pelos mecanismos do modo de produção capitalista.

A busca de compreensão deste estado de coisas requer uma determinada concepção de mundo, um método concreto de análise e uma disposição política de intervenção como possibilidade de transformação, ou seja, é necessário partirmos de uma concepção histórica de mundo, assumindo um procedimento metodológico dialético e uma *práxis* política revolucionária no modo de pensar, de agir, de organizar, de compreender e intervir nas relações homem-natureza-sociedade.

*A práxis na sua essência e universalidade é a revelação do segredo do homem como ser ontocriativo, como ser que cria a realidade (humano-social) e que, portanto, compreende a realidade (humana e não-humana, a realidade na sua totalidade). A práxis do homem não é a atividade prática contraposta à teoria; é determinação da existência humana como elaboração da realidade. (KOSIK, 1976, p. 202).*

Daí que nossa reflexão implica reconhecer uma concepção clara de ser humano, de sociedade, de natureza, de filosofia, de ética, de política, de educação, no sentido de investigar, de compreender, de desafiar toda proposta que consideramos desumanizadora, principalmente aquela que fundamenta os interesses das classes dominantes do Modo de Produção Capitalista e na forma liberal de organização da sociedade. No processo de produção do conhecimento

científico, que se reflete as condições materiais históricas e nos interesses e valores sociais, prevalece a seguinte condição.

El hombre conoce para transformar. El conocimiento tiene sentido cuando revela las alienaciones, las opresiones y las miserias de la actual fase de desarrollo de la humanidad, cuestiona críticamente los determinantes económicos, sociales e históricos y da potencialidad a la acción transformadora. El conocimiento crítico del mundo y de la sociedad y la comprensión de su dinámica transformadora propician acciones (praxis) emancipadoras. La praxis elevada a categoría epistemológica fundamental se transforma en criterio de verdad y de validez científica. La praxis significa reflexión y acción sobre una realidad buscando su transformación. Transformación orientada para la consecución de mayores niveles de libertad del individuo y de la humanidad en su devenir histórico (interés crítico emancipador). (SÁNCHEZ GAMBOA, 1998, p. 121).

Dessa forma, para apreendermos a dinâmica do movimento histórico do real, assumimos, como método de análise, de interpretação, de compreensão da relação entre o homem-natureza-sociedade, a perspectiva materialista crítico-dialética. Tal procedimento teórico-metodológico nos permite, como sujeito histórico, uma visualização da concreticidade objetiva do problema pesquisado e, com o auxílio das ciências sociais e humanas, como a História, a Sociologia, a Economia, fazemos uma reflexão filosófica, “radical, rigorosa, de conjunto” (SAVIANI, 2009, p. 29), somente assim inteligível, capaz de produzir conceitos articulados e gerar novos conhecimentos, que mostrem caminhos de intervenção e de transformação da história.

Enquanto uma atitude, ou concepção do mundo; enquanto um método que permite uma apreensão radical (que vai à raiz) da realidade e, enquanto uma práxis, isto é, unidade de teoria e prática na busca da transformação de novas sínteses no plano do conhecimento e no plano da realidade histórica. (FRIGOTO, 2001, p. 73).

As três dimensões do materialismo histórico-dialético estão vinculadas a uma concepção de homem, de natureza, de sociedade, no seu conjunto. A questão da atitude, da visão de mundo, neste sentido, requer a *práxis*, e caminha ao lado do método. Neste sentido há uma relação fundamental entre o método

dialético de investigação como mediação no processo de apreender, de revelar e de expor a organização, o desenvolvimento dos fenômenos sócio-históricos e a atitude polêmica, crítica, de desafio, de ruptura, como pressuposto de superação, de transformação e de produção “de novas sínteses no plano do conhecimento e no plano da realidade histórica”.

Uma análise crítico-dialética requer uma atitude radical, isto é, de buscar as raízes, as causas, “as leis fundamentais”, as bases da produção da chamada “realidade social”. Esse procedimento é fundamental no sentido de superar a ideia de que o que aparece, o fenômeno, é o real. Isso significa que a visão de mundo crítico-dialética não se constitui de especulações, mas, pelo contrário, visa ser concreta, exatamente por buscar seus fundamentos naquilo que transcende a experiência humana em sua existência concreta, isto é, teorizar sobre a natureza da realidade como um todo.

Esta busca de *compreensão*, que constitui a relação entre conhecimento teórico e as práticas sociais, pode ser definida como a busca do real, da verdade dos fatos, não somente como explicação e muito menos como aceitação deles, mas como instrumento teórico ou guia de sua transformação. Entendemos aqui o conceito de *verdade* na sua dialeticidade histórica.

A “verdade” equivale certamente a um “juízo verdadeiro” ou a uma “proposição verdadeira”, mas significa também “conhecimento verdadeiro”. É neste sentido que a verdade é um devir: acumulando verdades parciais, o conhecimento acumula o saber, tendendo, num processo infinito, para a verdade total, exaustiva e, neste sentido, absoluta. (SCHAFF, 1986, p. 98).

Para defendermos a tese de que há, em Marx e no marxismo, uma análise criteriosa da totalidade das ações humanas, temos que entender o porquê, como se configura a lei fundamental, constituída historicamente, que produz e se garante pelas relações de opressão, de desumanização, de exploração humana. O materialismo histórico-dialético nos permite apreender tal lei no seu movimento histórico e em sua relação com outros fenômenos, numa visão de totalidade, em relação ao ser do homem, histórico, social, econômico, político, cultural, educacional, biológico.

*A tarefa da história, depois de desaparecido o além da verdade, é estabelecer a verdade do aquém. A tarefa imediata da filosofia, que está a serviço da história, é, depois de desmascarada a forma sagrada de autoalienação humana nas suas formas não sagradas. A crítica do céu transforma-se, assim, na crítica da terra, a crítica da religião na crítica do direito, a crítica da teologia, na crítica da política.* (MARX, 2010, p. 146).

Nesta concepção, a análise da realidade social não pode partir de uma filosofia especulativa, abstrata, mas da “Filosofia da Práxis”, no dizer de Gramsci (2011), ou da “Filosofia da Transformação”, conforme Sánchez Vázquez (2007). É somente nesta perspectiva filosófica, incorporada no seu pensamento social, que é possível encontrar a preocupação científica em Marx (2013). Esta atitude epistemológica, política, filosófica, está explícita nos escritos marxianos, como, por exemplo, no posfácio à 2ª edição de *O Capital*, na qual aparece claramente o tríplice movimento da dialética: a atitude crítica, o claro método de investigação que propicia a construção de novos conhecimentos, e a *praxis*, como síntese no plano do conhecimento e da ação, a saber:

Para Marx, apenas uma coisa é importante: descobrir a lei dos fenômenos com cuja investigação ele se ocupa. E importa-lhe não só a lei que os rege, uma vez que tenham adquirido uma forma acabada e se encontrem numa inter-relação que se pode observar em um período determinado. Para ele, importa sobretudo a lei de sua modificação, de seu desenvolvimento, isto é, a transição de uma forma a outra, de uma ordem de inter-relação a outra. Logo que tenha descoberto essa lei, ele investiga em detalhes os efeitos por meio dos quais ela se manifesta na vida social (...) desse modo, o esforço de Marx se volta para um único objetivo: demonstrar, mediante escrupulosa investigação científica, a necessidade de determinados ordens das relações sociais e, na medida do possível, constatar de modo irreprensível os fatos que lhe servem de pontos de partida e de apoio. (MARX, 2013, p. 89).

E é *na e pela praxis*, unidade indissolúvel da teoria e da ação, que se dá efetivamente a apreensão, a intervenção e a transformação da realidade. Marx (2002), na Tese sobre Feuerbach (1845), especificamente na tese II, situa a *praxis*, a ação refletida, como critério de verdade.

A questão de saber se cabe ao pensamento humano uma verdade objetiva não é uma questão teórica, mas prática. É na práxis que o homem deve demonstrar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter terreno de seu pensamento. A disputa sobre a realidade ou não-realidade do pensamento é uma questão puramente escolástica. (MARX; ENGELS, 2002, p. 100)

Enfim, são estes os fundamentos teórico-metodológicos que sustentam a análise social marxista. Acreditamos que tal procedimento é capaz de apreender o real, na sua totalidade e sob a perspectiva da contradição, não somente como crítica pela crítica ou conhecimento pelo conhecimento, mas a crítica e o conhecimento crítico como *praxis*, isto é, como processo de intervenção e transformação da realidade, tanto no plano do conhecimento como no plano histórico-social.

### **A FILOSOFIA DA PRÁXIS: POSSIBILIDADE DE CONHECER, INTERVIR, TRANSFORMAR**

É à luz da categoria *práxis* que gostaríamos de propor o debate sobre a Filosofia, sobre seu ensino, seu conteúdo e método, como possibilidade de abordar os problemas do conhecimento, da história, da sociedade e do próprio ser. Daí os problemas que envolvem a vida e o existir humanos serem objetos de uma reflexão filosófica que seja crítica e radical, formulados em relação à atividade prática humana.

Posto que o homem é o que é *em e pela* práxis -, histórico – posto que a história é, em definitivo, história da práxis humana, mas também gnosiológico - como fundamento e objetivo do conhecimento, e critério de verdade – e ontológico - visto que o problema das relações entre homem e natureza, ou entre o pensamento e o ser, não pode ser resolvido à margem da prática” (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2007, p. 51).

Com estas premissas, queremos assumir uma Filosofia que seja uma proposta que torne a “admiração”, o “espanto”, uma efetiva potencialidade

crítico-transformadora. Marx (2002), ainda no texto referido atrás, na Tese XI sobre Feuerbach, diz que “os filósofos só interpretaram o mundo de diferentes maneiras; do que se trata é de transformá-lo” (MARX; ENGELS, 2002, p. 103). Isso quer dizer que a Filosofia tem que proporcionar uma reflexão e uma ação sobre as circunstâncias, que é inseparável de uma ação sobre as consciências.

É a conexão histórica entre a filosofia e a ação. Esta relação, na verdade, é historicamente empreendida pela Filosofia. A questão é saber a que propósito, a que interesse tem servido a Filosofia? Ao interesse de compreensão e manutenção ou de transformação? Há um “amor pela sabedoria” de maneira desinteressada? Em que relação deve estar a relação da Filosofia com o mundo?

Acreditamos que a Filosofia sempre esteve em relação com o mundo como objeto de interpretação-compreensão, assim como objeto de sua intervenção-ação. A relação entre conhecimento e ação é intrínseca tanto à teoria quanto à prática humana. Mas, a questão é justificar, a partir da interpretação do mundo, que a ação pode ser apenas de aceitação do que é, de dar conta do que existe, de manter o estado atual de coisas. Afinal, a “contemplação” do mundo é também uma práxis, que pode se integrar a uma práxis transformadora, ou apenas uma práxis reacionária, especulativa, idealista?

Defendemos a tese que a Filosofia tem um caráter de divergência, de mostrar as contradições do mundo, das relações humanas, de busca de compreensão do real, de ver o mundo como objeto de práxis. Isso significa teorizar sobre a prática, assim como ser “crítica teórica das teorias que justificam a não transformação do mundo, e como teoria das condições e possibilidade de ação” (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2007, p. 151).

Neste sentido, a reflexão e a prática, como integrantes tensionais da Filosofia da Práxis, cumprem sua missão histórica de ser uma crítica que questiona a própria problemática, o objeto, a finalidade, o método da Filosofia. Esta disposição é fundamental na formação em Licenciatura em Filosofia, especialmente na atuação no ensino de Filosofia nos níveis Fundamental e Médio.

A experiência no ensino de Filosofia nos diferentes níveis de ensino tem mostrado que uma das dificuldades mais incisivas em relação à Filosofia

e seu ensino é o distanciamento entre teoria e prática, ou seja, uma questão de conteúdo e de método, de práxis pedagógica, que responda à necessidade de uma metodologia de ensino de filosofia mais próxima ao concreto histórico. Esta questão foi insistentemente discutida por Marx e Engels (2002), e pode ser sintetizada em uma clássica e sempre atual passagem:

São os homens que produzem suas representações, suas idéias etc., mas os homens reais, atuantes, tais como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações que a elas correspondem, inclusive as mais amplas formas que estas podem tomar. A consciência nunca pode ser mais que o ser consciente; e o ser dos homens é o seu processo de vida real. (MARX; ENGELS, 2002, p. 18-19).

A Filosofia da Práxis se fundamenta na contradição, no conflito, na negação da negação, na ontologia da imanência, na história, na totalidade, na mediação política, na análise crítica da relação homem-natureza-sociedade em contraposição a toda filosofia especulativa, transcendental, de análise e de explicação linear, idealista. A Filosofia da Práxis, na sua dinamicidade que privilegia as relações, o predomínio do material sobre as idéias, contrapõe-se à concepção metafísica, que se fundamenta na análise de individualidades e essências. Ou seja, é o homem concreto analisando sua condição concreta, como ser de *práxis*, no sentido de atividade livre, universal, criativa e autocriativa, por meio do qual o homem produz e transforma o mundo histórico e a si mesmo como “sujeito de vida e de ação” (KOSIK, 1976, p. 229).

Neste sentido, concebemos o recurso à Filosofia como algo essencial, visto que entendemos a Filosofia como uma atitude histórica de análise das questões que totalizam as relações do indivíduo humano frente ao seu tempo e seu mundo. Não se trata de uma investigação sobre a objetividade do pensamento somente, mas sim a exigência de que toda Filosofia seja uma resposta do homem aos grandes problemas de cada época, da condição humana e de suas contradições, como *ser*, *consciência* e *ação*.

O pensamento filosófico, deste modo, torna-se também uma antropologia radical, visto que busca dar ao homem a consciência de si e de sua ação histórica.

Assim, a Filosofia da Práxis reclama seu espaço no sentido de reflexão, de formalização de pesquisa, de projeto pedagógico, de metodologia de análise, de elaboração de subsídios e de recursos pedagógicos, no processo ensino-aprendizagem da Filosofia para a formação e para a atuação de pensadores críticos na educação dos níveis Fundamental e Médio.

Esta dinâmica requer um ensino que não pode ser reduzido a um exercício de pensamento que se detém em estratégias de argumentação dissociadas de circunstâncias vividas pelo educando e das conjunturas históricas que ele enfrenta, mas que tem por referência a busca e a compreensão do real como condição de sua transformação.

O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade na diversidade. Por isso, o concreto aparece no pensamento como processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida efetivo [...] o método de ascender do abstrato ao concreto é somente o modo do pensamento de apropriar-se do concreto, de reproduzi-lo com um concreto pensado. (MARX, 2011, p. 54-55).

A Filosofia não pode ser reduzida a um discurso sofisticado e solipsista, mas que se constitui em Filosofia *da* e *para* a práxis, entendida como o reconhecimento de que o poder representativo da razão e do pensamento são por demais limitados para esgotar a subjetividade, há um “para quê” em toda a representação, que corresponde a uma nova visão do sujeito pensante: subjetividade não se resume a pensar, mas à capacidade de dar concretude histórica a projetos e ações. O sujeito que pensa vai além, é um sujeito histórico.

A primeira condição de toda a história humana é, naturalmente, a existência de seres humanos vivos. A primeira situação a constatar é, portanto, a constituição corporal desses indivíduos e as relações que ela gera entre eles e o restante da natureza. (MARX; ENGELS, 2002, p. 10-11).

Compete à Filosofia da Práxis desenvolver um processo didático-pedagógico que permita aos educandos experimentar o potencial crítico e criativo do pensar, levando a crítica a seu termo, ou seja, o de permitir a construção

de um novo mundo de ações e de significados. Para isso, é necessária uma Filosofia que propicie ao educando a possibilidade um novo olhar, de indignação, de incômodo, de problematização, sobre suas circunstâncias pessoais e sociais, como condição de superação da acomodação, do indiferentismo, expresso por asserções de que “o mundo é assim mesmo, sempre foi assim”, “tudo está bem” ou “tudo está mal”, “nada muda”, ou de que tudo está determinado.

## **A FILOSOFIA DA PRAXIS E A PRAXIS DA FILOSOFIA**

A nossa intenção, nesta reflexão, é de contribuir para a que Filosofia não perca seu estatuto próprio, não como comumente é vista e tratada, como misteriosa, fechada, especulativa, sectarista, própria de iniciados, mas da Filosofia na sua genuína acepção, como uma forma de conhecimento “crítica, radical e de conjunto” (SAVIANI, 2009, p. 29), que pode ser apropriada por todos os seres humanos, pois “todos os homens são filósofos” (GRAMSCI, 2011, p. 93), que propicie ao *ser social* a condição de conhecer, de ter ciência do real e dê, portanto, razões e meios de orientar os rumos da história individual e coletiva, de intervir e de transformar o mundo de forma livre, criativa, consciente, responsável.

Assim, a “filosofia da práxis” se apresenta, inicialmente, como crítica do senso comum e seu intento é inovar e tornar crítica uma atividade já existente, ou, como diz Gramsci (2011): “Crítica a própria concepção de mundo, portanto, significa torná-la unitária e coerente e elevá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais evoluído” (GRAMSCI, 2011, p. 94).

Assim, justificamos esta forma de realizar pesquisas e estudos, como necessidade de buscar compreender o significado de “filosofia da *práxis*” no pensamento de Gramsci (2011) e de sua relação com a concepção materialista dialético-histórica de Marx, no sentido de “atitude polêmica e crítica, como superação do modo de pensar precedente e do pensamento concreto existente - ou mundo cultural existente” (GRAMSCI, 2011, p. 101) diante da realidade concreta, assim como diante de todo movimento teórico-prático, nos diversos campos do conhecimento, especificamente no campo das Ciências Humanas

e Sociais, de abordagens dogmático-metafísicas, positivistas, idealistas, desconsiderando o movimento contraditório, antagônico da história, nas suas dimensões econômicas, políticas e culturais.

Tal movimento, presente nos diversos espaços sociais, como o acadêmico e o político, busca dissimular o núcleo central do marxismo, que é a busca de compreensão dos mecanismos de funcionamento da sociedade capitalista e as perspectivas históricas de sua superação. Daí “criticar a própria concepção de mundo [...] significa também, portanto, criticar toda a filosofia até hoje existente, na medida em que ela deixou estratificações consolidadas na filosofia popular” (GRAMSCI, 2011, p. 94).

Daí, portanto, a necessidade, numa exposição da filosofia da práxis, da polêmica com as filosofias tradicionais. Aliás, por este seu caráter tendencial de filosofia da massa, a filosofia da práxis só pode ser concebida em forma polêmica, de luta perpétua. Todavia, o ponto de partida deve ser sempre o senso comum, que é espontaneamente a filosofia das multidões, a qual se trata de tornar ideologicamente homogêneas. (GRAMSCI, 2011, p. 116).

É neste sentido que a relação entre história e filosofia é uma relação de identidade fecunda, “assim como não se pode separar a filosofia da política” (GRAMSCI, 2011, p. 97), ou melhor, “a filosofia deve tornar-se política para ser verdadeira”, pois, do contrário, aquela se tornaria ou uma pura especulação metafísica ou expressão ideológica da classe dominante.

A compreensão de Gramsci é que “a filosofia da práxis” é uma construção própria da classe subalterna, que se organiza, com “consciência política”, junto com seus intelectuais, pois “não existe organização sem intelectuais, isto é, sem organizadores e dirigentes...” (GRAMSCI, 2011, p. 104) e que, portanto, é “através de uma luta de ‘hegemonias’ políticas, de direções contrastantes [...] atingindo, finalmente, uma elaboração superior da própria concepção do real” (GRAMSCI, 2011, p. 103).

Assim sendo, tal reflexão pretende contribuir no potencial teórico-prático da dialética, como “filosofia da práxis”, que apresenta os conflitos, as contradições, os interesses de classes, assim como abre perspectiva de

superação do estado atual de coisas, como nova síntese, como nova mediação dialética, entre teoria e prática. Partindo destas considerações, os fundamentos teóricos do materialismo histórico-dialético em Gramsci estão desenvolvidos teoricamente em consonância com sua militância política, na mesma atitude de Marx e Engels e sua contundente crítica aos materialismos correntes - vulgar, idealista e mecânico - de sua época, assim como a forma concreta de organizar a sociedade e o modo de produção da existência.

O materialismo histórico-dialético, em Gramsci, está vinculado à uma visão de mundo, como um método por ele denominado “análise crítica” (GRAMSCI, 2011, p. 94) ou uma “atitude polêmica e crítica” que rompe com o modo de pensar dominante e isso se dá primeiramente a partir do conhecimento dos diferentes métodos de análise existentes nos diversos ambientes culturais, científicos, religiosos.

Pela própria concepção de mundo, pertencemos sempre a um determinado grupo, precisamente o de todos os elementos sociais que compartilham um mesmo modo de pensar e de agir. Somos conformistas de algum conformismo, somos sempre homens-massa ou homens-coletivos. O problema é o seguinte: qual é o tipo histórico de conformismo, de homem-massa do qual fazemos parte? (GRAMSCI, 2011, p. 94).

Assim sendo, na concepção de Gramsci, a “filosofia da práxis só pode viver em obras concretas da história” (GRAMSCI, 2011, p. 120), ou seja, como “filosofia concreta”, e que a ciência é a capacidade de compreensão do desenvolvimento histórico-social e, portanto, dialética, não reducionista as previsões lineares.

Na realidade, é possível prever ‘cientificamente’ apenas a luta, mas não os momentos concretos dela, que não podem deixar de ser resultados de forças contrastantes em contínuo movimento, sempre irreduzíveis a quantidades fixas, já que nela a quantidade transforma-se continuamente em qualidade” (GRAMSCI, 2011, p. 121-122).

Neste sentido, para Gramsci, assim como para Marx, não há um método científico universal possível para dar conta de conhecer todos os objetos em todos

os tempos e espaços, pois o método é um procedimento teórico e técnico que acompanha os objetos investigados, nos condicionamentos, desenvolvimentos e transformações sócio-históricos e, portanto, na apreensão do objeto no conjunto de suas determinações.

Deve-se deixar estabelecido que toda investigação tem seu método determinado e constrói uma ciência determinada e, que o método desenvolveu-se e foi elaborado conjuntamente ao desenvolvimento e a elaboração daquela determinada investigação e ciência, formando com ela um todo único. (GRAMSCI, 2011, p. 122).

Assim, na visão de ciência, da própria categoria de conhecimento em Gramsci, a relação entre sujeito e objeto é dialética, ou seja, o conhecimento tem uma dimensão política dos sujeitos que a constroem na disputa pela hegemonia, nas suas dimensões científicas, políticas dos indivíduos, grupos e classes sociais. Sobre o conceito de “hegemonia”, é necessária uma investigação bastante aprofundada. Daí que, fazer ciência, na concepção de Gramsci, é estar em relação com a militância política, em conexão com o desenvolvimento social, econômico, cultural da sociedade de seu tempo. A dialética do real, em Gramsci, assim como em Marx, não está na ideia humana, mas no mundo concreto, e que sua descoberta e socialização é condição necessária para intervenções e transformação objetiva e subjetivamente da realidade.

Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas ‘originais’; significa também, e, sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, ‘socializá-las’ por assim dizer; e, portanto, transformá-las em bases de ações vitais... (GRAMSCI, 2011, p. 96).

E, por fim, uma questão apresentada e que precisa ser investigada para se entender o pensamento de Gramsci, nas suas diversas dimensões é a categoria ou conceito de “senso comum”. Gramsci fala de uma conexão entre o senso comum e a filosofia como duas importantes formas de concepção da realidade. Assim como a filosofia, o senso comum não é um conceito universal, muito menos um conhecimento ingênuo ou uma ideia amplamente difundida e

aceita por um determinado grupo ou classe social, pois “não existe um único senso comum, pois também ele é um produto do devir histórico” (GRAMSCI, 2011, p. 96).

Por isso que o senso comum, mesmo diante da fragmentação de pensamento e ação, é uma possibilidade histórica de “convite à reflexão, de tomada de consciência daquilo que acontece” (GRAMSCI, 2011, p. 98) e um instrumento do pensamento e ação das classes subalternas que, no movimento da história, de conflitos e antagonismo, tem consciência de sua condição e de suas possibilidades nos processos de intervenção e produção de relações sociais. E como diz Gramsci: “Este é o núcleo sadio do senso comum que poderia precisamente ser chamado de bom senso e que merece ser desenvolvido e transformado em algo unitário e coerente” (GRAMSCI, 2011, p. 98).

## CONCLUSÕES

Enfim, esta reflexão pretendeu contribuir ou fortalecer uma dada concepção de filosofia, de ciência, de política, que não ficam fechadas em si, reduzidas a discursos sofisticados ou “oratória”, segundo Gramsci, produzidos apenas por “especialistas”, mas que se constituem “atividade intelectual” e prática na construção e apropriação do real como conhecimento e práxis interventiva e transformadora.

Daí a necessidade e possibilidade histórica de pensar e construir uma nova hegemonia, engendrar e reconhecer novos intelectuais orgânicos, produzir social e coletivamente uma nova cultura filosófica, científica, econômica, a partir de novos blocos históricos, constituídos pelas classes subalternas, como “filosofia da práxis”, de fundamentação histórico-dialética, como antítese teórica e prática às teorias e práticas dominantes.

## REFERÊNCIAS

FRIGOTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In. FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 2001.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Volume 1. Introdução ao estudo da filosofia - A filosofia de Benedetto Croce. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858 – esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2013

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Livro 1 – o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez, 2009.

SÁNCHEZ GAMBOA, Sílvio. **Fundamentos para la investigación educativa**: presupuestos epistemológicos que orientan al investigador. Santa Fé de Bogotá: Cooperativa Editorial Magisterio, 1988.

SCHAFF, Adam. **História e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. Buenos Aires: CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, 2007.